

A HISTÓRIA DE MICHAEL COMEÇA AOS SEIS ANOS DE IDADE

Charlotte Elmore

Desesperada, perguntei se ele poderia ser submetido a um novo teste. Ela meneou a cabeça e disse não. Na tentativa de mostrar quanto Michael era "normal", comecei a contar a ela todas as coisas que meu filho sabia fazer bem. Ela, porém, não deu atenção aos meus comentários e levantou-se, dispensando-me.

- Michael vai ficar bem - ela disse.

No final daquele mesmo dia, depois que Michael e Linda, sua irmãzinha de três anos, estavam dormindo, contei a Frank, entre lágrimas, o que ficara sabendo. Depois de discutirmos o assunto, concordamos que nosso filho estava acima de um teste de QI.

Concluimos que a fraca pontuação de Michael no teste devia ter sido um engano.

Da mesma forma que eu, Frank não podia acreditar que nosso filho fosse "quase retardado". Ele me contou algumas coisas que Michael tinha feito recentemente que provavam que nosso filho era inteligente... Frank disse que, certa noite, Michael demonstrou interesse nas plantas de engenharia que ele estava projetando. Frank pegou alguns blocos para fazer casinhas de brinquedo e desenhou duas plantas bidimensionais. Em seguida, ele pediu a Michael que separasse os blocos próprios para cada desenho. Frank disse que ficou satisfeito ao ver a facilidade com que nosso filho conseguiu separar os blocos e montar casinhas com base nos diagramas que acompanhavam o brinquedo.

Em 1962, mudamo-nos para Fort Wayne, Indiana, e Michael ingressou no Colégio Luterano Concórdia. Suas notas garantiram-lhe vaga nos cursos preparatórios para a faculdade, que incluíam Biologia, Latim e Álgebra. Quando nosso filho estava na primeira série, fomos informados de que ele jamais seria capaz de aprender álgebra. Biologia passou a ser sua matéria preferida. Ele começou a contar a todos que iria ser médico.

Michael ingressou na Universidade de Indiana, em Bloomington, em 1965, como aluno do curso pré-médico. No meio do ano, após ter obtido uma média de 3,47, ele conseguiu fazer parte da lista do reitor, e o conselheiro do corpo docente lhe concedeu permissão especial para assistir a um número de aulas maior que o recomendado.

Michael conquistou os créditos necessários para ser aceito na Escola de Medicina da Universidade de Indiana, em Indianápolis, no final daquele ano.

Durante seu primeiro ano na Faculdade de Medicina, Michael foi submetido a um novo teste de QI e alcançou 126 pontos, ou seja, 36 pontos a mais do que ele alcançara no teste anterior, um nível aparentemente inatingível para ele.

No dia da formatura - 21 de maio de 1972 -, Frank, Linda e eu comparecemos à cerimônia e abraçamos nosso Dr. Mike! Depois de encerrada a solenidade, contamos a Michael e a Linda sobre o baixo número de pontos atingido por Michael, quando ele foi submetido a um teste de QI, aos seis anos de idade, e o que havíamos planejado fazer. A princípio, os dois pensaram que estivéssemos brincando. A partir daquele dia, Michael, às vezes, olha para nós e diz com um largo sorriso:

- Meus pais nunca me contaram que eu não poderia ser médico...

Isto é, só me contaram depois que recebi o diploma na Faculdade de Medicina!

Esta é a maneira de nosso filho nos agradecer a fé que depositamos nele.

Costuma-se dizer que, no decorrer da vida, as crianças tornam-se naquilo que os adultos esperam delas. Se você chamar uma criança de "idiota", talvez ela passe a representar esse papel. De vez em quando, nós nos perguntamos o que teria acontecido se tivéssemos tratado Michael como uma criança "quase retardada", impondo limites aos seus sonhos.